vinetur

Exportações de vinho da UE caíram 2% até agosto, para 10,6 mil milhões de euros

A Comissão Europeia afirmou que a quebra foi menor do que até julho, apontando para uma estabilização ainda incipiente após um primeiro semestre fraco

quinta-feira, 5 de novembro de 2026



As exportações de vinho da União Europeia registaram uma ligeira melhoria até agosto de 2026, embora continuassem abaixo do nível observado um ano antes, segundo o mais recente relatório de acompanhamento do comércio agroalimentar da Comissão

Europeia.

O relatório indica que as exportações de vinho da UE atingiram 10,6 mil milhões de euros nos primeiros oito meses de 2026, menos 2% do que no mesmo período de 2025. O vinho manteve-se como a quarta maior categoria de exportação agroalimentar do bloco. A quebra foi inferior à descida de 3% registada até julho, sugerindo alguma estabilização após um primeiro semestre mais fraco.

Os dados relativos ao vinho inserem-se num quadro mais amplo de relativa estabilidade das exportações agrícolas e alimentares da UE. As exportações agroalimentares totais do bloco ascenderam a quase 157,7 mil milhões de euros entre janeiro e agosto de 2026, face a cerca de 158 mil milhões de euros no mesmo período de 2025. Embora o total tenha ficado ligeiramente abaixo do registado um ano antes, o saldo comercial global melhorou.

A Comissão Europeia afirmou que o excedente acumulado do comércio agroalimentar da UE atingiu 34,7 mil milhões de euros nos primeiros oito meses de 2026. Este valor foi 4,1 mil milhões de euros superior ao do mesmo período de 2025, refletindo tanto a estabilidade das exportações como a redução das importações.

Entre as categorias de exportação, algumas tiveram um desempenho melhor do que o vinho. Os licores e as bebidas espirituosas estiveram entre as que mais cresceram, com exportações superiores a 6 mil milhões de euros, mais 11% do que no período entre janeiro e agosto de 2025. Este aumento ajudou a compensar o desempenho mais fraco de outros segmentos e evidenciou a resiliência contínua das exportações de bebidas de maior valor acrescentado do bloco.

O Reino Unido manteve-se, por larga margem, o maior mercado de exportação agroalimentar da UE. As exportações para o Reino Unido totalizaram 36 mil milhões de euros nos primeiros oito meses de 2026, menos 2% do que um ano antes. Os Estados Unidos foram o segundo maior mercado, com 18,3 mil milhões de euros, uma quebra de 6% face ao mesmo período de 2025. Ainda assim, este resultado representa uma melhoria face à descida de 9% registada até julho.

Apesar desta recuperação parcial, as expedições para os EUA continuavam 1,2 mil milhões de euros abaixo do valor registado entre janeiro e agosto de 2025. A Suíça ocupou o terceiro lugar entre os destinos de exportação, com 8,9 mil milhões de euros, mais 2%, enquanto as exportações para a China atingiram 8,3 mil milhões de euros, menos 3%.

O relatório assinalou também um crescimento mais forte em alguns mercados de menor dimensão. As exportações para a Turquia aumentaram 320 milhões de euros, ou 8%, sobretudo devido ao aumento das expedições de carne de bovino. As exportações para a Índia cresceram 253 milhões de euros, ou 29%, impulsionadas em grande medida pelo óleo de girassol. A Comissão afirmou ainda que as exportações para os países do Golfo regressaram a níveis médios em agosto de 2026, após perturbações anteriores.

Do lado das importações, a UE comprou ao exterior produtos agroalimentares no valor de 122,9 mil milhões de euros entre janeiro e agosto de 2026. Este montante foi 4,5 mil milhões de euros inferior ao do mesmo período de 2025, uma descida de 4%. Segundo a Comissão, a quebra deveu-se em grande medida ao menor valor das importações provenientes dos principais países produtores de cacau, sobretudo devido à descida dos preços.

O Brasil manteve-se como a maior origem das importações agroalimentares da UE, com compras totais de 12,7 mil milhões de euros até agosto de 2026.

Os dados sugerem que as exportações de vinho da UE continuaram sob pressão durante grande parte de 2026, mas o ritmo da quebra abrandou até agosto. No conjunto do setor agroalimentar, as exportações mantiveram-se próximas do nível do ano anterior, enquanto os menores custos de importação contribuíram para aumentar o excedente comercial do bloco.